

Da crítica do desenvolvimento à crítica da modernidade. Pensamento latino-americano e criação de alternativas de desenvolvimento¹

José Guadalupe Gandarilla Salgado²

Tradução por: Sebastião Guilherme Albano³

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v14i26.59246>

“El capitalismo ha conseguido siempre en el pasado superar sus crisis recurrentes, pero dejando siempre la tierra abonada para que emerjan otras aún peores. Sean cuales hayan sido los medios empleados para limitar o corregir el daño provocado, millones de personas han sufrido las consecuencias nocivas tanto de la enfermedad como de en su tratamiento”

Ellen Meiksins Wood

Resumo: A crítica à noção de desenvolvimento pode ser arredondada quando os pensamentos periféricos, ou com a capacidade de incorporá-lo como uma exterioridade, lograram revelar os segredos (espaciais) da lógica global do capital. Das primeiras formulações entre os anos 1950 e 1970 até as posteriores houve um salto qualitativo com um discurso capaz de explicar tanto as críticas do desenvolvimento da técnica, como do determinismo e do progresso; também passou da crítica do capitalismo à modernidade/pós-modernidade, das tecno-ciências e da complexidade. O que há de permeio neste avanço explicativo (localização da agência enunciativa de “dentro” do desenvolvimento para “fora” da modernidade, é um interregno de hegemonia neoliberal que agora figura como uma crise na dominação que se posicionou como cataclismo e catástrofe (os macro incêndios regionais em várias esquinas do mundo e a crise pandêmica global são apenas sintomas em série). Talvez hoje estejamos diante de uma das principais características do início do século XXI devido à inédita persistência das

¹ Tradução do texto de José Guadalupe Gandarilla Salgado, intitulado “De la crítica del desarrollo a la crítica de la modernidad. Pensamiento latinoamericano y creación de alternativas”.

² José Guadalupe Gandarilla Salgado. Doctor en Filosofía Política, por la Universidad Autónoma Metropolitana/UAM – Iztapalapa, México. Investigador Titular C, Definitivo, del Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades. Recientemente ha sido electo como integrante, por México, del Comité Directivo de CLACSO. E-mail: joseg@unam.mx - <https://orcid.org/0000-0001-5241-6276> .

³ Sebastião Guilherme Albano. Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília. Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. E-mail: albanoppgen@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-6059-7409>

Recebido em 11/07/2023, aceito para publicação em 22/09/2023.

transformações climáticas, da biodiversidade ecológica do mundo que acompanha o ansiado crescimento dos índices de lucro econômico no quadro da acumulação global do neoliberalismo. A tendência a buscar na temporalização econômica a criação de espaço (s) se torna um vetor indicativo e orientador, sempre que os limites físico-materiais, geográficos, possam se precipitar como marco definidor ou mesmo bloquear a acumulação mesma. Se não encontrar alternativas a esses dilemas estaremos em perigo iminente de que a crise do capitalismo se modifique (e perversamente procure suas soluções) na crise da humanidade.

Palavras-chave: Crítica, Pensamento, América Latina.

De la crítica del desarrollo a la crítica de la modernidad. Pensamiento latinoamericano y creación de alternativas.

Resumen: La crítica a la noción de desarrollo se pudo redondear en el momento en que diversos pensamientos periféricos, o que tuvieron la capacidad de incorporar esa exterioridad, fueron capaces de revelar los secretos (espaciales) de la lógica global del capital. De aquellas formulaciones, de las dos décadas siguientes al corte del medio siglo XX, se ha logrado pasar a un discurso que ha sido capaz de dar un salto explicativo de la crítica del desarrollo a la crítica de la técnica, el determinismo y el progreso; y de la crítica del capitalismo a la crítica de la modernidad/posmodernidad, las tecnociencias y la complejidad. Lo que se encuentra en el medio de ese salto explicativo (ubicación de la agencia enunciativa desde un "adentro" del desarrollo hacia un "afuera" de la modernidad) es un intervalo de hegemonía neoliberal, que ahora se extiende como interregno de crisis de la dominación neoliberal misma, lo que ha puesto al mundo entero en condición de cataclismo y catástrofe (los macro incendios regionales en varias esquinas del mundo, y la crisis pandémica global, no son sino síntomas escalonados). Hoy, quizás estemos en presencia del inicio histórico del siglo XXI, toda vez que los tiempos climáticos, biodiversos y ecológicos del mundo no parecen resistir la aceleración que acompaña al ansiado crecimiento de las tasas de ganancia económica en el marco de la acumulación mundial propiciada por el neoliberalismo. La tendencia a buscar en el desbocamiento de la temporalidad económica la creación de espacio(s), se vuelca como vector indicativo y orientador, toda vez que los límites físico-materiales, geográficos, pueden precipitarse como el límite definitorio o el bloqueo paralizante de la acumulación misma. De no encontrar alternativas a estos dilemas estamos en el peligro inminente de que la crisis del capitalismo se transmute (y así, perversamente, busque sus soluciones) en crisis de la humanidad. El pensamiento, la teoría social y la filosofía que se hace desde América Latina tiene mucho que aportar a una genuína comprensión de estos aspectos, pero más relevante aún al señalamiento de los rumbos alternativos.

Palabras clave: Crítica, Pensamiento,, América Latina.

From the critique of development to the critique of modernity. Latin American thought and creation of alternatives.

Abstract: The critique of the notion of development could be rounded off at the moment when various peripheral thoughts, or those that had the capacity to incorporate that exteriority, were capable of revealing the (spatial) secrets of the global logic of capital. From those formulations, from the two decades following the cutoff of the mid-20th century, it has been possible to move on to a discourse that has been capable of making an explanatory leap from the critique of development to the critique of technique, determinism and progress; and from the critique of capitalism to the critique of modernity/postmodernity, technosciences and complexity. What is found in the middle of this explanatory leap (location of the enunciative agency from an "inside" of development to an "outside" of modernity) is an interval of neoliberal hegemony, which now extends as an interregnum of crisis of the neoliberal domination itself, which has put the entire world in a condition of cataclysm and catastrophe (the regional macro fires in various corners of the world, and the global pandemic crisis, are but staggering symptoms). Today, perhaps we are in the presence of the historic beginning of the 21st century, since the climatic, biodiverse and ecological times of the world do not seem to resist the acceleration that accompanies the long-awaited growth of economic profit rates within the framework of

global accumulation promoted by neoliberalism. The tendency to search for the creation of space(s) in the runaway economic temporality, turns as an indicative and guiding vector, since the physical-material, geographical limits can precipitate as the defining limit or the paralyzing blockade of the accumulation itself. If we do not find alternatives to these dilemmas, we are in imminent danger of the crisis of capitalism becoming transmuted (and thus perversely looking for its solutions) into a crisis of humanity. Thought, social theory and philosophy from Latin America have much to contribute to a genuine understanding of these aspects, but even more relevant to pointing out alternative directions.

Keywords: Criticism, Thought, Latin America.

Da crítica do desenvolvimento à crítica da modernidade. Pensamento latino-americano e criação de alternativas de desenvolvimento

Introdução histórica

Dois fatos concorreram para o rompimento da lógica do sistema quase ao mesmo tempo. Refiro-me ao 11 de setembro de 1973 (Santiago de Chile, golpe de Estado e bombardeio sobre o *Palacio de La Moneda*) e, cerca de três décadas à frente, 11 de setembro de 2001 (Nova York, atentado no centro financeiro do mundo, queda da Torres gêmeas). Pode-se afirmar que esses dois eventos foram pontos de inflexão para duas conjunturas do concerto mundial.

Com efeito, o primeiro caso poderia ser apontado como o ponto de partida do projeto global de imposição do neoliberalismo, devendo-se a um processo que medrava há muito tempo. O que ocorreu no Chile foi uma reação (da parte dos atores significativos dos sistemas globais de poder) à possível

aquisição de consciência crítica das condições de avanço do denominado desenvolvimento econômico (que para nossa região latino-americana foi operada por intermédio da *Aliança para o Progresso*, instrumento ativado pelos temores norte-americanos de que os valores da Revolução cubana de 1959 se espaliassem a outras nações), o esclarecimento das razões do subdesenvolvimento e suas razões históricas, socioeconômicas culturais da dependência da América e do Caribe. Devido ao diagnóstico dos cientistas sociais acerca dos obstáculos ao desenvolvimento ou das razões explicativas do drama latino-americano, todas vinculadas com a persistência das condições históricas herdadas pelas imposições das relações coloniais, cujos núcleos articuladores estavam embasados na

transferência de riqueza aos centros metropolitanos e à perpetuação do trabalho forçado, da escravidão, do racismo e da exclusão de populações (uma obra publicada há quase meio século aventou magistralmente tal diagnóstico (*Las venas abiertas de América Latina*, do uruguaio Eduardo Galeano). Diante da tentativa de se obter condições para a autonomia, a autodeterminação e a libertação nacional a resposta do imperialismo norte-americano mostrou-se implacável, com a imposição de ditaduras de segurança nacional e a instrumentalização (desde a Comissão Trilateral) de uma democracia amordaçada que afiançaria as políticas de governabilidade, juntamente aos grilhões impostos ou auto impostos do endividamento externo, criara as condições para que, nos anos 1980 do século passado, experimentássemos uma “década perdida” na região; a partir daí os países latino-americanos e do Caribe, com tão estreitas margens de negociação aceitaram qualquer coisa e a imposição de todo tipo de reformas (neoliberais, de primeira ou segunda geração, neocoloniais, da vida inteira). Era uma história conhecida.

Ao longo de suas constituições nossos países sempre encontraram dificuldades para se separar das supracitadas condições coloniais começando quando o fizeram mediante processos de longo alcance e de espectro amplo, ao início do século XIX na revolta do Haiti (1791-1804) até as revoluções hispano-americanas contra o domínio colonial da Espanha (1808-1830) e que, neste caso, prolongaram-se até a guerra entre Cuba, Espanha e os Estados Unidos, quando houve agressão militar sem precedentes. Sem antever o assédio externo o imperialismo foi suplantado por *criollos* e favoráveis ao império e seus processos de conformação de exíguas repúblicas latino-americanas aos que deram razão para descrever a arquitetura das relações de construção social de uma ordem (de incompleta e simulada democracia e excessiva teatralização de seus rituais) sem que vingassem condições de colonialismo político (insustentável na conjuntura atual), mas da “colonização do poder”, entramado propício para que mediadores e não intervencionistas mantivessem as lógicas racistas de dominação que transcrevem códigos de domínio socioeconômico e cultural.

Daí privilegiarmos argumentos alternativos de descolonização do conhecimento.

Com relação ao chamado segundo onze de setembro (a tão comentada destruição das torres gêmeas por aviões de passageiros operados como máquinas contra instituições financeiras hegemônicas), observou-se uma reação ao colonialismo e ao imperialismo que os Estados Unidos praticavam na Ásia Central e em certos países árabes produtores de petróleo logo da queda do muro de Berlim(1989),os dirigentes norte-americanos, a nação/império, unilateralmente decidiram desarticular todo o espaço vital soviético (1991). O evento de Manhattan foi prenunciado dez anos antes, por exemplo, com o assassinato dos jesuítas em El Salvador e a guerra do Golfo, mais precisamente com a “Tormenta do deserto”. O atentado ao *World Trade Center* não freou o ânimo imperial, mas reativou de imediato o discurso “antiterrorista” que justificava a agressão ao Iraque e ainda ampliava movimentos bélicos no território do Afeganistão (cuja invasão prolongou-se por mais de um decênio, entre 2003 e 2014), enquadrando essa configuração

geopolítica para ensaiar um rol de métodos de extermínio para liquidar o “eixo do mal”, guia para ações em outros rincões do planeta em que houvesse oposição às políticas estadunidenses: apreciou-se a potencialização da tecnociência para tornar mais eficiente os alvos letais, uma amplificação “racional” e planejada para que o dano se concentrasse nos estados antes soberanos e depois reduzidos à condição de teatro de ação de apropriação colonial. O feito dos Estados Unidos no Oriente Médio foi replicado inclusive por Israel na Palestina e até pela Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti.

A partir da guerra do Vietnam a potência agressora não se permitia equívocos; caso os houvesse, com soldados americanos ou israelenses abatidos, seria retrucado com violência mortal do lado contrário com centenas de vítimas. As incursões militares foram acompanhadas pela televisão, desenhadas nos computadores como um jogo de guerra, as redes noticiosas transmitiam em tempo real as baixas do adversário, vaticinavam tendências e calculavam os danos com o que enalteciam o interesse nacional norte-americano (ou reafirmavam o sionismo

distanciando-o dos valores civilizadores); em pouco tempo esses expedientes foram atualizados. Os mecanismos de contrainsurgência se revelaram ainda mais efetivos, aperfeiçoando as ofensivas por intermédio de drones e com ataques militares cirúrgicos. O supostos “novos agressores” para a doutrina da “guerra preventiva” (nada mais que um “humanismo militar”, ensaiado na guerra dos Bálcãs) substituíram a encarnação clássica do “inimigo comunista” por um enxame de novas representações do que na verdade se interiorizou nos países do norte como islamofobia ou, em certos países, como remoçadas respostas fascistas ante todo tipo de estrangeiros, deslocados, refugiados ou migrantes (basta observar o nativismo xenófobo, ou o tratamento que a diáspora africana merece por parte dos europeus ou os hispanos por parte dos norte-americanos). Com o ataque de 11 de setembro o congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei Patriótica (*USA Patriotic Act*), cujo espírito perdurou até a subscrição do acordo trinacional com o qual iniciaram a política do ASPAN (Aliança para a Segurança e a Prosperidade da América do Norte),

instrumentos que renovaram toda a política de segurança nacional dos Estados Unidos e a partir de então qualquer pessoa, grupos (narcotraficantes, terroristas, fundamentalistas, populistas etc.) poderia ser classificada de inimigo, suscetível de extradição sem obediência aos protocolos internacionais, e todo espaço nacional poderia ser alvo de “ataques preventivos”. O subtexto apontava para uma escalada da divisão global Norte-Sul e a ativação do marco jurídico transnacional que resultava favorável ao capital corporativo multinacional. Portanto, contrário ao discurso da globalização, a desigualdade não foi remediada, mas de acordo com estudos, encontrou novas lógicas para se enraizar mais profundamente em determinadas regiões (PIKETTY, 2014). No mundo ocidental polarizou-se ainda mais as diferenças de ingresso e riqueza, entre os núcleos econômicos subordinantes (zona do Atlântico Norte) e as partes subordinadas (África, parte da Ásia, América Latina e Caribe); enquanto isso, no Oriente a chamada globalização ganhou outros contornos, maior grau de dinamismo econômico

entre as partes desenvolvidas e suas zonas de influências alcançando um efeito de maior distribuição da riqueza, com o qual houve tendência a arrefecer a polarização econômica. O corolário tanto no Oriente e no Ocidente foi o enorme custo ambiental do desenvolvimento econômico industrial e a realocação geográfica que demandou o avanço das tecnologias informacionais (e os novos materiais que essas demandaram); e no caso da China parte do crescimento econômico se deveu à deterioração ecológica das zonas em que se instalaram grandes empresas multinacionais a fim de estabelecer uma política de salários mais baixos, e pessoal de alta qualificação e competitivo.

De outro ângulo podemos apreciar um efeito diverso da revolução tecnológica em curso ao passo que a revolução industrial do século XIX

favoreceu o enriquecimento do Ocidente. Já a revolução eletro-informática, das novas tecnologias da informação e a comunicação operou uma convergência rentista em amplas zonas do planeta por meio do enriquecimento da Ásia (MILANOVIC, 2020, p. 22).

Um resultado ainda mais interessante desses estudos, paradoxalmente, nos sugere que tais tendências de redução da desigualdade global (entre Oriente e Ocidente, recordemos), assinalam que

la ascensión de Asia ... a diferencia de la ascensión del capitalismo a la supremacía global, tiene un precedente histórico e nel sentido de que vuelve a situar la distribución de la actividad económica de Eurasia más o menos en una posición que se daba antes de la Revolución industrial” (MILANOVIC, 2020, p. 15).

Constata-se então a hipótese de André Gunder Frank (2008, 2015) ao detectar tal condição planetária sintetizada na alegoria cunhada no termo *Re-Orient* cuja perspectiva desalentadora sugere que o regime capitalista seria o único⁴ com a consigna “el lucro no sólo es respetable, sino que es el objetivo más importante de la vida del individuo” (MILANOVIC, 2020, p. 9). Ainda com as respectivas diferenças todos ganharíamos significado pela predominância do capital: “vivimos en un mundo en el que todas las personas siguen las mismas reglas y entienden el

⁴ Tal fue también, en cierto modo, la sospecha en el último libro de Giovanni Arrighi (2007).

mismo lenguaje de la obtención de beneficios” (MILANOVIC, 2020, p. 10) Mas a vitória global do capitalismo se desdobra em duas frentes, um projeto meritocrático liberal descentralizado, no Ocidente, e o capitalismo político e autoritário, típico do Estado em países como a Rússia e a China; destarte Branko Milanovic, em sua análise weberiana concluía que “es bastante improbable que, suceda lo que suceda en la competición entre capitalismo liberal y capitalismo político, un solo sistema acabe dominando todo el planeta” (MILANOVIC, 2020, p. 14). Sem ser explícito uma tal inclinação pela multipolaridade teria um efeito secundário no

el reequilibrio económico del mundo no es sólo geográfico; es también político ... [con lo cual se estaría]... poniendo fin a la superioridad militar, política y económica de Occidente, una superioridad que ha sido dada por descontada durante los dos últimos siglos” (Milanovic, 2020, p. 17).

Em resumo, como disse recentemente um filósofo ao analisar a atualidade sob categorias da tragédia ética “los imperios saben que su apogeo ha terminado y vivimos en un estado de guerra constante” (CRITCHLEY, 2020, p. 14). Nos

bastidores dessa guerra incessante situa-se na insolúvel crise da justaposição das esferas do capitalismo, um conflito que o sistema econômico arrasta por meio século, entre o “neo-liberalismo de paz” e “neo-liberalismo de guerra” acirrando as rugas do capital contra o trabalho, do Norte contra o Sul, do Ocidente contra o Oriente, aprofundando contradições vivas e atuantes. Ainda nos encontramos nesta fase.

Estas duas grandes tendências que remarcamos confluem em que: “el dominio único que ejerce nel capitalismo y el renacimiento económico de Asia constituy en desarrollos muy notables, que quizá estén relacionados” (MILANOVIC, 2020, p. 7). Portanto não apenas encontraríamos razões para reconsiderar as teses hegelianas da história universal, avançando em direção à descolonização das economias materiais da periferia capitalista para explorar em chave transnacional e altamente conflitivas, as exigências de avançar com a desocidentalização do mundo, e talvez recuperar e combinar (atualizar e completar) as velhas propostas de Samir Amin quando se pronunciava por

uma política da “desconexão” (Amin, 1989), com a mais recentes propostas de Enrique Dussel e suas propostas de transmodernidade (DUSSEL, 2015).

Ameaças reais (sobre o entorno e os seres humanos) em tempos de guerra permanente ou o porquê de uma guerra permanente ou da crítica da modernidade.

Em trabalhos esparsos mas referenciais da dimensão ou lastro da crise do capitalismo como em episódios como a crise financeira, imobiliária e da dívida em 2008 e suas sequelas; dois dos nosso mais importantes pensadores sociais, Pablo González Casanova e Franz Hinkelammert apontaram o significado da época que se abre com esse dado. Para ambos não mais se trata de um choque econômico qualquer ou uma catástrofe cíclica do neoliberalismo, em um momento de explícita ameaça à sobrevivência da humanidade. Esses artigos curiosamente publicados em 2020, o ano da peste, aparecem também como reflexões premonitórias para o que o mundo da ultramodernidade nos tinha reservado (pandemia e pós-pandemia), e

aventuram algumas linhas sobre o perfil que as alternativas assumem no contexto na qual estamos submersos, nos dão uma perspectiva que dimensiona o que se tornou o emergente “capitalismo pandêmico”.

Com relação ao ensaio de González Casanova sobressai, em primeiro lugar, seu objetivo de oferecer uma aproximação crítica não apenas “para quienes sy a están convencidos, sino para quienes, teniendo lacapacidad de decidir, no tienen lacapacidad de percibir y resolver problemas que amenazan su propia vida y la de la especie humana” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2019, p. 21), exerce, devido a que as pessoas envolvidas com o poder, genuínas “personificações do capital” (como disse Marx), uma completa desresponsabilização por seus atos e desproporção de sus consequências, ainda mais por redesenhar e inviabilizar sua participação, ao encobrir como uma mera função dentro de um marco institucional ou esquema organizacional que, além de tudo, elide toda punição dentro de uma ordem jurídica, posto que, no mundo contemporâneo, os grandes complexos de organização do capitalismo soem

obter ainda mais poder que os Estado que os disciplinam. Portanto, a tese mais influente do sociólogo mexicano é simples, mas rigorosa:

las decisiones de quienes están a la cabeza del 'modo de dominación y acumulación capitalista' conducen a una situación en que llega a ser imposible la supervivencia humana (GONZÁLEZ CASANOVA, 2019, p. 21).

Nessa mesma tese pode ser anunciada ao se vincular com outros elementos:

es imposible la supervivencia humana de continuar dominando el capitalismo y su lógica suprema: la maximización de utilidades y la defensa de los valores e intereses de las fuerzas dominantes (GONZÁLEZ CASANOVA, 2019, 23).

Desde logo uma tese dessa natureza será desqualificada de diversas maneiras por intermédio da razão ou desconfirmada empiricamente. Acerca do primeiro caso, os grupos de poder se munem de um exército do “saber especializado” para desprestigiar racionalmente, por exemplo, neguem as tendências de colapso climático (ORESKESE CONWAY, 2018); de outro lado, com a estratégia de não confirmar a influente

tese para desconectar as causas dos efeitos (dois exemplos: a relação do consumo de transgênicos com a enfermidade do câncer ou outros padecimentos; o uso de aditivos químicos (glifosato) na agroindústria e na proliferação de males tanto para os produtores como para a recuperação dos solos e o declínio da diversidade de cultivos) ou reduzir a magnitude das consequências da crise do *capitaloceno*. Não haveria necessidade de recorrer aos artifícios negacionistas anteriores, pois a lógica do sistema se impõe por sua normalização, interiorização de seus princípios no cidadão corrente, daí que se afirme, junto com Fredric Jameson, que resulta “más fácil imaginar el fin del mundo que el fin del capitalismo” (JAMESON, 2003, p. 103), o que não exprime mais que um conformismo, o hábito “realismo capitalista”, isto é,

lái de a muy difundida de que el capitalismo no solo es el único sistema económico viable, sino que es imposible incluso *imaginarle* una alternativa (FISHER, 2016, p. 22).

O que desejamos indicar é o seguinte: não deveria nos resultar surpreendente que o “homem de empresa” se submeta ao princípio de

cálculo ou diante do raciocínio de custo-benefício, não seria impor uma lógica quantitativa sobre a qualitativa (a do lucro por cima da vida humana e não humana na terra); o traço perverso do sistema transforma a “metafísica do empresário” em procedimento cotidiano: qualquer pessoa que mantenha tacitamente a possibilidade de intervir “livremente” sobre o mundo da vida (glorificando a não intencionalidade da ação) aprovaria a reprodução do mecanismo sistêmico. Com esse argumento não há só um passo do macro (o mundo competitivo do empresário e a “grande corporação”) ao micro (o sujeito proprietário privado que, para sobreviver, produz e consome), em que o hiato se projeta como “una crisis de la razón instrumental o una esquizofrenia que nos están llevando a la destrucción del mundo” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2019, p. 25), encontrar saída para a encruzilhada está comprometendo tanto forças macro, que caminham para autodestruição, como micros (até os que empurram a articulação de movimentos) que lutam por construir de outro modo o mundo, e acreditam que isso seja factível. A proposição que finaliza o artigo do sociólogo mexicano

que vai ao encontro desses contingentes e detecta um novo horizonte (distópico) que se abriu com o capitalismo ostensivo que estabelece indefinições (como corresponde a todo um sistema complexo) tanto nos objetivos como nas estratégias em meio às urgências (entrópicas) do presente. Donde se conclui:

Hoy, en las alternativas y decisiones no sólo se plantea impedir la autodestrucción de quienes en sus esfuerzos por defender al sistema están en realidad llevando a la destrucción del mundo, sino también la construcción del camino a una democracia, una liberación y un socialismo redefinidos. (GONZÁLEZ CASANOVA, 2019, p. 34).

A partir daí confluímos com as observações de Franz Hinkelammert (2020) e que parece nos iluminar um ângulo igualmente pertinente. O dramático do assunto é talvez não ser suficiente observar sob novas perspectivas a dialética do esclarecimento e a correlata destruição e autodestruição atribuíveis à decolagem progressiva da “razão instrumental”, ou sinalizar os esforços progressivos (legítimos) para redefinir os esquemas das lutas anteriores; talvez seja necessário dar um passo

mesmo dentro do horizonte crítico, dirigi-la do capitalismo a seu núcleo fundante, a modernidade. Esse deslocamento cognitivo parece relevar que o fundo desta não está na razão instrumental, mas no complexo mais inalcançável e invisível e pode ser acessível como capas da realidade onde despontam a razão mítica que a anima: o verdadeiro fundamento da modernidade, e que pareceria assegurar seu eterno predomínio. Para Hinkelammert uma genuína crítica (da modernidade e de sua labiríntica disposição) exige mudar os termos da discussão, recompor o repertório de categorias com as que até hoje trabalhamos nas teorizações críticas, e os marcos epistêmicos das categoriais contemporâneas. Para Hinkelammert reconstituir esse discurso significou uma série de deslocamentos para assinalar os limites da razão instrumental das virtudes de uma racionalidade produtiva (da vida) para desviar dos limites da economia (HINKELAMMERT; MORA, 2001); ademais, nossa atenção deveria ser redirecionada não apenas o desenraizamento das questões que envolvem a causalidade meio-fim como base da razão instrumental mas

aprofundar na crítica da razão mítica (as imagens transcendentais geradas pela modernidade), por intermédio da inclusão dos disjuntiva vida-morte como o verdadeiro pano de fundo para uma filosofia e uma ética plenamente emancipadora. Apenas com o segundo deslocamento advertimos algo de relevante, a modernidade se edifica quando se segue uma racionalidade irracional: o que pensamos como exercício da nossa libertação não foi mais que o sentimento do outro e da alteridade em si, a imposição da escravidão, o despojamento, a destruição do meio ambiente. Hinkelammert conclui:

concebir la auto-realización del ser humano como una relación de dominación: me realizo al dominarte: Yo soy, si tú no eres. La prueba más convincente de la libertad es en consecuencia, mostrar que uno tiene un esclavo. Tengo esclavos, por tanto soy libre. (HINKELAMMERT, 2020, p. 37)

Ocorre que de fato, literalmente, os teóricos da tolerância, os fundadores do liberalismo, eram proprietários de escravos (LOSURDO, 2007), não podiam se aventurar em uma crítica que fosse nessa direção, de uma dissolução da estrutura de poder que

edificou a modernidade a partir de suas bases mais obscuras: a colonização, o racismo, a escravidão e o descaso com a questão feminina; idêntica relação de domínio e devastação que operaram (os “novos senhores” do moderno-colonial-capitalista) com a insolente ideia de uma natureza barata e inesgotável (MOORE, 2020).

Portanto, para Hinkelammert, encontrar saída ao crescente labirinto da modernidade deveria ser considerado a partir de uma genuína racionalidade emancipadora, tal como «Eu sou, se você é»:

ahora la prueba de la libertad es la prueba de haberse liberado de su esclavitud o liberado a sus esclavos. El criterio de racionalidad liberada dice ‘yo soy, si tú eres’, el criterio de racionalidad irracional dice “yo soy, si te derrot”. (HINKELAMMERT, 2020, p. 38)

Hinkelammert aposta em outros princípios éticos, que se mantêm resguardados fora de certos complexos civilizadores, que não se submetem plenamente ao império do sistema mundo-moderno colonial, e que igualmente se apresentam na noção africana de *muntu* e da espiritualidade *ubuntu*, que no perspectivismo amazônico e as ontologias de relação

própria dos povos originários da Nossa América, que no humanismo semita e a ética heteronômica das religiosidades hebraicas (RABINOVICH, 2018), e que nosso autor, retomando uma argumentação do sul-africano Desmond Tutu, propõe apresentar nos termos de uma insurgência espiritual que remova a subjetividade (egoísta e utilitária) onde encarna essa ilusão ocidental (do *Homo oeconomicus*) que pretende impor-se como natureza humana universal (SAHLINS, 2011), e que se transfere (como diria Gramsci) aos grandes sistemas filosóficos, às cosmovisões ou elencos de categorias da ciência e da prática dos modernos, mundanidade que atravessa cada instância ou campo prático (Dussel *dixit*) para uma só versão do que é transcendental, dos novos deuses e fetiches e fetiches (as noções do progresso, a técnica ou o mercado etc.). Hinkelammert não nos propõe uma volta ao antigo, nem um retrocesso impossível ao passado, mas um novo relacionamento com o outro e com a alteridade a partir de outros princípios éticos que se enuncia “Eu sou, se você é” (viável também para romper a estrutura patriarcal do modo de ser moderno), e que ele acredita

estar embasada na disjuntiva vida-morte que se conhece pela consigna “de um mundo onde caibam muitos mundos” e assim se integre em uma emergente “espiritualidade de ação”, do humanismo da práxis.

Conclusão

Já no prefácio de sua obra escrita com Henry Mora (*Hacia una economía para la vida. Preludio a una segunda crítica de la economía política*), Franz Hinkelammert detectou que nas últimas décadas do século XX irrompeu dramaticamente o tema do presente e do porvir da humanidade, pois os antes considerados «problemas modernos» “se fueron transformando em verdaderas *amenazas globales* sobre la existencia de la vida en el planeta y las obrevivencia de los seres humanos” (HINKELAMMERT; MORA, 2014, p. 11). No mesmo prefácio os autores idearam uma imagem dos extremos que pareciam não se tocar mas iam em direção oposta, premonitória de uma situação que pôde e pode acontecer ao longo da pandemia global em que ainda nos encontramos. Assim o prefiguravam: “el sistema no puede seguir creciendo sin provocar una crisis ecológica de

dimensiones apocalípticas, pero tampoco puede decrecer sin originar una crisis económica y social de enormes proporciones” (HINKELAMMERT; MORA, 2014, p. 12). Assim concorreram os fatos: rendição ao fetiche do crescimento e a consequente crise ecológico-climática com a devastação de vastas áreas silvestres e resultados desastrosos como o ciclo que até agora não parece haver concluído com as novas variantes de vírus e suas enfermidades zoonóticas associadas (a Covid-19 e suas variantes e a quase certeza de que haverá novas formas da gripe aviária); por outro lado, eis uma articulação inusitada nesta situação inusitada em curso, como corolário da proporção alcançada pelo fenômeno (sua literal planetarização) se implemento uma disposição ou declaração (entre outras, mas em alguns lugares é quase única) de que há tempos essas calamidades irrompem na humanidade, medida instrumentada como paliativo ao aumento progressivo dos contágios: o *confinamento* (estrito, relaxado, obrigatório ou persuasivo). A economia mundial teve de diminuir o ritmo e experimentar processos automáticos e

involuntários (mais que publicamente orientados ou geridos ou autogeridos) de uma certa experiência com o “declínio”. O que aconteceu durante a pandemia não foi uma prometida redução (salvo uma certa temporada da suavização dos impactos ambientais da atividade econômica e uma mudança favorável nas paisagens, ou ao retorno da fauna que se considerava extinta ou pôde caminhar livremente distante do assédio humano, em momentos de desolação cidadã), ao ser primordialmente o resultado de uma agudização do quadro recessivo com que eram afetados diversos setores e ramos da economia.

O domínio indisputado da modernidade madura, que começou historicamente no século XIX, fundamentou uma expressão do Ocidente como colosso indisputado que se muniu com peças integradas na projeção de processos de totalização em cada um dos campos práticos nos quais foi-se impondo uma determinada univocidade ou monocultura (como prefere Boaventura de Sousa Santos). A economia capitalista e o maquinismo industrial, a política sob a geocultura do liberalismo e sua democracia representativa e instrumental, na

questão de gênero com o predomínio do patriarcado e sua cultura do corpo sexuado, no tratamento com a alteridade, sob o racismo persistente, de relação avassaladora com a natureza por uma *hybris* extrativista na era do capital fóssil (como argumentaram Andreas Malm e Jason W. Moore), de relação entre culturas com um horizonte limitado que não propicia o reconhecimento das diferenças e as sacrifica por uma homogeneização dos códigos do Atlântico norte. A modernidade madura é a configuração civilizadora dessa dialética totalizadora e progressiva, uma totalidade irrefreável de totalidades, de inteira desmesura cujo resultado não poderia ser outro que a multidimensionalidade de uma crise civilizadora, uma verdadeira ameaça para a humanidade em seu conjunto e para a vida da terra.

Referências

- AMIN, Samir. *La desconexión*. Buenos Aires: Ediciones del Pensamiento Nacional–IEPALA, 1989.
- ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith en Pekín*. Orígenes y fundamentos del siglo XXI. Madrid: Akal, 2007.

CRITCHLEY, Simon. *La tragedia, los griegos y nosotros*. Madrid: Turner, 2020.

DUSSEL, Enrique. *Filosofías del Sur. Descolonización y transmodernidad*. Ciudad de México: Akal, 2015.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista ¿No hay alternativa?* Buenos Aires: Caja negra, 2016.

FRANK, Andre Gunder. *Re-orientar. La economía global en la era del predominio asiático*. Valencia: PUV, 2008 [1998].

FRANK, Andre Gunder; DENEMARK, Robert A. *Reorienting the 19th Century. Global Economy in the Continuing Asian Age*. London: Routledge, 2015.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. La «toma de decisiones» y la imposibilidad de la supervivencia de la Humanidad en el capitalismo. *Estudios Latinoamericanos*, Nueva Época, n. 44, p. 19-39, julio-diciembre 2019.

HINKELAMMERT, Franz. Las amenazas a nuestra cultura y civilización en la actual crisis: Pensando en la necesidad de una espiritualidad de la acción en la línea del humanismo de la praxis. In: HINKELAMMERT, Franz (ed.). *Buscando una espiritualidad de la acción: el humanismo de la praxis*. San José, Costa Rica: Arlekin, 2020, p. 17-56.

HINKELAMMERT, Franz; MORA, Henry A. *Coordinación social del trabajo, mercado y reproducción de la vida humana*. Preludio a una teoría crítica de la racionalidad reproductiva. San José, Costa Rica: DEI, 2001.

HINKELAMMERT, Franz; MORA, Henry A. *Hacia una economía para la vida*. Preludio a una segunda crítica de la economía política. Morelia: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo – EUNA, 2014.

JAMESON, Fredric. Ciudad Futura. *New Left Review* (en español), n. 21, p. 91-106, julio-agosto, 2003.

LOSURDO, Domenico. *Contrahistoria del liberalismo*. Madrid: El viejo topo, 2007.

MILANOVIC, Branko. *Capitalismo, nada más*. El futuro del sistema que domina el mundo. Madrid: Taurus, 2020.

MOORE, Jason W. *El capitalismo en la trama de la vida*. Ecología y acumulación de capital. Madrid: Traficantes de sueños, 2020 [2015].

ORESTES, Naomi; CONWAY, Erik M. *Mercaderes de la duda*. Cómo un puñado de científicos ocultaron la verdad sobre el calentamiento global. Madrid: Capitán Swing, 2018.

PIKETTY, Thomas. *El capital en el siglo XXI*. Ciudad de México: FCE, 2014.

RABINOVICH, Silvana. *Interpretaciones de la heteronomía*. CDMX: UNAM, 2018. [Cuadernos del Seminario de Hermenéutica, 29]

SAHLINS, Marshall. *La ilusión occidental de la naturaleza humana*. CDMX: FCE, 2011.